

O credor contra-argumenta

por Reginaldo Heller
do Rio

Ao contrário da nota conjunta dos quatro países latino-americanos, condenando a prática de protecionismo e juros elevados, que impedem o ajustamento saudável das respectivas economias, analistas americanos consideram que nos últimos dois anos, desde que a crise financeira internacional eclodiu, houve uma sensível recuperação das contas externas destes maiores devedores da América Latina.

Irwin Kellner, sênior vice-presidente e economista do The Manufacturers Hanover Trust, em artigo publicado no último número da Economic Report, afirma que os seis maiores devedores da América Latina — Argentina, Brasil, Chile, México, Peru e Venezuela — foram extremamente beneficiados pela queda dos juros em 1983, pela reativação econômica nos Estados Unidos e na maioria dos países em desenvolvimento e, conseqüentemente, pela

recuperação dos preços de suas principais "commodities" de exportação.

Segundo ele, não seria correto falar em protecionismo. Afinal, 26,2% do déficit de US\$ 61 bilhões na balança comercial dos Estados Unidos teve origem no comércio com a América Latina, ou seja, US\$ 16 bilhões. Ele reconhece que houve esforço acentuado destes países na contenção de importações, mas revela que o superávit comercial dos seis maiores devedores da região cresceu 1.000% entre 1981 e 1983, de US\$ 2,7 bilhões para US\$ 29,8 bilhões. O déficit em conta corrente caiu, de 1982 a 1983, de US\$ 22,1 bilhões para US\$ 3,2 bilhões. Enquanto o pagamento de juros aumentou 0,6%, de US\$ 33,392 bilhões para US\$ 33,592 bilhões, em um ano, as receitas de exportação cresceram 2,4%, de US\$ 93,197 bilhões para US\$ 95,459 bilhões, reduzindo a relação do serviço da dívida sobre exportações de 35,8% para 35,2%.

O total de reservas des-

tes mesmos seis países era suficiente para pagar 4,7 meses de importações em 1982 e hoje aumentou para 6,1 meses. Finalmente, cita que a recuperação econômica americana proporcionou um aumento dos preços dos produtos industriais em 26,2% e dos produtos agrícolas em 26,9%. Alguns casos, como o cacau e o açúcar brasileiros, tiveram aumentos médios de 49,6% e 40,1%, respectivamente.

Irwin Kellner afirma que a mudança de tendências verificada desde 1982 (quanto as taxas de juros atingiram níveis de 22% ao ano) ainda não é suficiente para assegurar o reequilíbrio das contas daqueles seis grandes países devedores. Reconhece a necessidade de se controlar o déficit fiscal norte-americano. E, para isso, não acredita ser necessário realizar nenhuma recessão. Ele admite também que as economias dos devedores enfrentam, no momento, ameaças de protecionismo, as quais devem ser afastadas.